Ano II Lisboa, 26 de Janeiro de 1927 N.º 60

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
Director literario: PAPIM
Director artistico: PAPUSSE

# COPO-COPO-JERICOPO...

A' terra do seu fabríco
Vai comprar um copo lá...
Montado no seu jerico,
*Copo-copo-Jericopo,*
*Jericopo-copo-cá.*

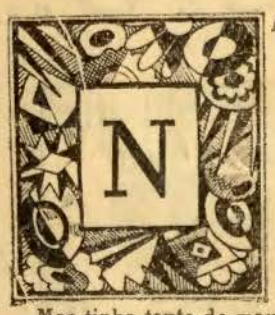
Já de volta, *Jericopo...*
*Copo-copo-Jericopo,*
*Jericopo-copo-cá,*
A todos mostra o seu copo,
O copo comprado lá.

—«Eh, cidadãos portuguêses!...»
Ei-lo murmurando já:
—«Quem me não disser três vezes:
*Copo-copo-Jericopo,*
*Jericopo-copo-cá...*

.....
.....
.....
Por êste copo
Não beberá!

# O ELEFANTE BRANCO

Por FERNANDO CARDITA
Desenhos de EDUARDO MALTA



A Pérsia, num reino perdido entre montanhas, existia um rico Pachá, cujos tesouros eram tão grandes, que encheriam de riqueza todo o mundo se por êle os espalhassem.

O seu palácio, feito de porcelana e de pedras preciosas, era tão grande que se perdia de vista. Tão grande, que o número das suas escravas se poderia contar por cada hora durante um ano a fio.

Mas tinha tanto de mau, o velho rei, como de rico, e todos de joelhos o serviam, pois o seu génio feroz a todos assustava.

As suas crueldades eram geralmente conhecidas e, quando se aproximava das aldeias, eram apenas os corpos que se curvavam à sua passagem, pois as almas, essas, pediam a Deus que o levassem depressa, para seu descanso e dos seus povos.

Nem o filho escapava à sua ferocidade, comtudo era o único ente por quem se interessava, mas exigia-lhe apenas obediência e não tinha para êle uma só palavra de carinho.

Alih, que era o nome do príncipe, era bom. No seu coração generoso perpassava, muitas vezes, a idéa de espalhar à sua volta o bem, mas a grande vigilância, de que estava rodeado, fazia-o recear qualquer maldade, pois temia atraír as vistas do pai sobre aqueles a quem queria proteger.

Ora um dia, em que fôra caçar sòsinho, montado no seu negro corcel, vira, no meio dum vale, escondida entre muitas árvores, uma casinha branca, muito limpa e cercada de flores.

O cansaço e a sêde extenuavam-no. Sem esperar um segundo, dirigiu-se para a casinha, junto da qual parou. Bateu, bateu, mas não teve resposta. Como a sêde fosse cada vez maior, abriu a porta e entrou.

A casa era pequena, um só quarto que servia de casa de jantar e de tudo mais, mas estava tão bem arranjada, tão bonita, que, apesar de pobre, encantava.

Sobre uma pequena meza, junto a um velho sofá, estavam, em pirâmide, os mais belos frutos, e uma taça de cristal cheia de água, tão límpida, que convidava a beber.

Alih sentou-se, e, sem cerimónia, comeu do que mais lhe apeteceu, quando viu uma porta abrir-se e uma rapariga entrar.

A sua beleza deslumbrava, apesar da pobreza do seu trajo, que apenas se resumia numas amplas calças de sêda barata e numa camisa. Comtudo, mais parecia uma princeza, sob o manto aveludado dos cabelos negros, como o ébano, que a envolviam toda.

Ao ver o estranho corou, e, ligeiramente indignada, preguntou-lhe:

—Quem és para assim comeres do que é meu?

—O príncipe dêstes reinos, o teu senhor, portanto!—respondeu o príncipe arrogante.

—Enganas-te, disse ela—sou tanto como tu, pois meu pai é o rei das selvas, e tem mais riquezas do que tu, com certeza.

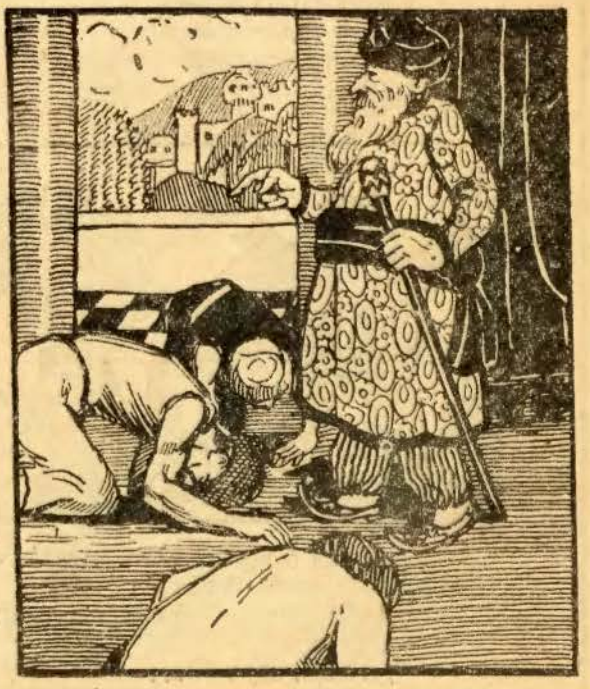
O príncipe, quando isto ouviu, desatou a rir.

—E' por isso que andas tão bem vestida?

—Queres ver os meus tesouros? Vem comigo e eu tos mostrarei. Então, pegando-lhe na mão, conduziu-o ao campo. Ia-se de vez em quando abaixando e apanhando coisas, mas Alih nada mais via do que as pupilas negras, onde luzia uma luz misteriosa e que o faziam estremecer quando as cruzava com as suas.

Ao chegarem à floresta, Alih não quiz entrar, mas a rapariga, olhando-o fixamente, obrigou-o a segui-la. No mais copado dos bosques, havia um álamo colossal, cuja abertura, no tronco, servia de porta, e era aí o palácio do rei das Selvas, nêsse momento ausente.

Chegados aí, Flordovale, pediu aos pirilampos para acenderem as suas luzinhas verdes e, entrando com êles no palácio, ia-lhe mostrando as várias salas, onde explendia o ouro dos malmequeres e dos girasóis em grandes arcas de



cedro; ali as pérolas do orvalho dentro da sêda das rosas e dos lírios; mais além as safiras da luzerna e as esmeraldas do trevo; emfim, cada flor tinha no meio uma pedra preciosa de mais valor do que as de seu pai.

Além disso, nos velhos pinheiros, o gêlo, ao partir-se, deixado como presentes fulgentes de diamantes e não havia uma só cerejeira que não estivesse carregada de enormes rubís.

Flordovale sorria ante a estupefacção do príncipe, que se ajoelhara a seus pés, maravilhado, exclamando:

— Para serdes tão poderosa, com certeza que sois fada?

—Oh! não, disse a menina, mas sou rica, muito rica e, se meu pai não estivesse encantado, seria feliz. Assim... calou-se tristemente.

—Quem foi que o encantou? preguntou Alih muito espantado.

—Foi a rainha das fadas, por êle a ter visto sem a amar. Fê-lo num horrivel leão, que destroi tudo que vê e que me mataria se cá me encontrasse. Mas vamos já daqui, para o meu fresco vale, que me deu o nome.

Alih, foi o primeiro a sair e, embora se sentisse muito feliz por ter visto Flordovale, ficou muito contente ao sair dos bosques.

Alih, despediu-se, já enamorado, e prometeu voltar logo que pudesse, sem o pae saber, já se sabe.

A sua ausência tinha-se tornado notada no palácio, e, quando entrou, os escravos avisaram-no logo que o rei o tinha mandado chamar. A tremer, dirigiu-se para os aposentos do rei, onde entrou.

Num trono de oiro massiço, recostado em ricas almofádas, achava-se, o cruel rei, fitando raivosamente a porta.

Quando Alih entrou, veiu logo postar-se ante o trono e dar-lhe os seus votos de vida e de saude. Mas o velho Pachá cheio de cólera, fê-lo subir os degráus do trono e, agarrando-o pelos ombros, olhando-o nos olhos, preguntou:

— Donde vens, maldito, que tanto te demoraste?

O príncipe, a tremer, quiz livrar Flordoval e respondeu:

— Dos pântanos, senhor, onde fui para caçar!

— E é dos pântanos que vens, perfumado a violetas, com o fato sujo de ouro?

Alih, calou-se, bem viu que estava perdido, pois recordava-se de, querendo ver o ouro dos malmequeres mais de perto, nêle meter as mãos que limpara ao fato. Então pensou em Flordovale e dispoz-se a morrer. Mas o velho rei, espumando de raiva, puxou do alfange e, fazendo-o dobrar o joelho, disse-lhe:

— Ou me dizes donde vieste, ou corto-te a cabeça,

Ao sentir o gume afiado do alfange junto da nuca, Alih gritou.

— Do palácio do rei das Selvas, onde vi riquezas sem par.

— E onde fica êsse reino?

— No vale, senhor, não longe daqui.

O Pachá, cobiçoso como poucos, pensou logo em apoderar-se daquelas riquezas do rei das Selvas, mandando prender o filho numa prisão, no fundo do palácio. E, assim pensando, dirigiu-se, muito satisfeito, para o vale.

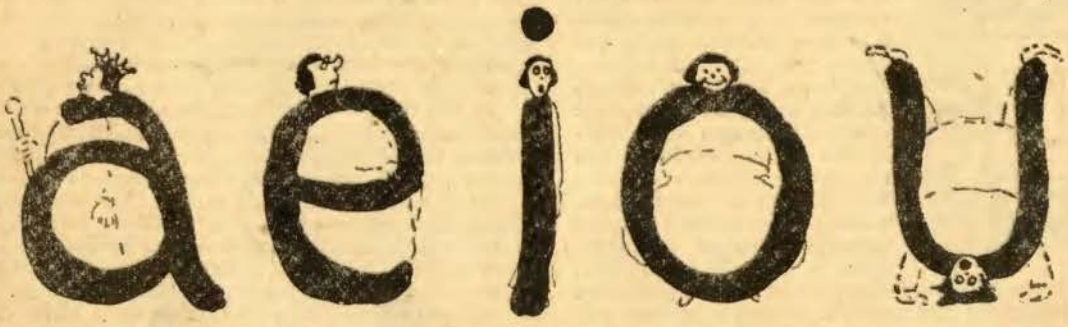
Depois de muito andar, avistou, ao longe, a casinha de Flordovale que cozia, à porta, o seu novo vestido de papoilas e jasmins.

O rei, ao ver de perto a rapariga, ficou apaixonado e, dirigindo-se para ela, quiz agarrá-la, mas, como uma gazela assustada, desapareceu, a correr, antes que a pudesse alcançar. Foi depois de muito correr que a conseguiu apanhar, e então, contente como nunca, exclamou:

—Serás a minha favorita.

—Nunca!—disse a princesa.—Só serei esposa do príncipe dêstes reinos, que me roubou o coração.

**(Continúa no proximo número)**




## POR DULCÍDIO da CUNHA

O *á* é rei barrigudo
E quem governa as vogais;
De manto, senhor de tudo,
Não admite rivais.

O *é*, um grande invejoso,
Como afinal muita gente,
Tanto que ao á potentoso,
Volta as costas, insolente.

O *i* por muito que cresça,
(Isto o faz esguio e tonto)
Não chega com a cabeça
Ao fugitivo do ponto.

O *ó* é homem matreiro
Muito gordinho e anafado,
Que não fala ao companheiro,
Do seu vizinho do lado.

Este, o pobre *u*, desgostoso,
Para as máguas afogar,
Bebeu tanto do «espumoso»
Que está de pés para o ar.

# AS ROSAS BORDADAS

Por PEDRO DE MENEZES

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

UM país muito distante, distancia que nunca se conseguiu conhecer bem ao certo, existia um velho rei destronado que apenas fôra autorisado pelo seu sucessor a habitar um antigo palácio, com altas tôrres, onde passava os longos dias, passeando pelos corredores, uns corredores muito compridos dos quais um havia que ia dar a um terraço cercado por um varandim que se debruçava sôbre o mar. Todos os dias, mas nunca à mesma hora, diziam que se ouvia o som duma viola cujo lamentoso tom repetiam os ecos de vale em vale e de montanha em montanha. O velho rei tinha uma filha, uma infanta alta, esguia, muito linda, com um cabelo loiro como o trigo e as mãos alongadas como se os seus dedos fôssem fusos duma roca de mistério. Passava os dias, pálida e triste, encostada à janela do seu quarto, espreitando pelas vidraças o mar que tentava galgar até ao terraço do palácio. Quando seus olhos se cansavam de olhar o mar e seus ouvidos se fatigavam de escutar as ondas, a infanta sentava-se junto do seu leito de prata e de ébano e bordava, longas horas, vermelhos reposteiros de veludo. Logo que bordava uma rosa, reparava, com surpreza, que ela desaparecia. Voltava de novo a bordar silenciosa e triste, mas logo que a nova rosa estava feita, ela voltava a desaparecer do veludo que tinha nas mãos. Um dia mandou vir o mais célebre feiticeiro daqueles arredores, para o interrogar ácerca de tão extranho mistério. Veio o feiticeiro.

Contou-lhe o que lhe sucedia e o feiticeiro, ouvindo com toda a atenção o que a infanta ia dizendo, preguntou-lhe se cada vez que desaparecia uma das rosas não acontecia qualquer coisa de extraordinário. — «Não — respondeu ela — apenas o som longínquo duma viola dolente se ouve, ora para lá de pinhal que além se vê, ora para o lado do mar.

— Tão triste é o seu tocar que, mesmo que o mar esteja enfurecido, a sua cólera desaparece imediatamente. O feiticeiro, um ancião que sabia ler nos astros e entendia os animais, partiu prometendo saber a causa de tal mistério e voltar logo que a soubesse. Assim foi. Demorou muito dias. Findos êles, voltou de novo o feiticeiro ao palácio. Durante a sua ausência, nunca mais a infanta bordara rosas, nunca mais o som da longinqua viola se ouvira, nunca mais o veludo poisara nas mãos brancas da linda bordadora.

Quando o feiticeiro voltou, numa noite muito escura, a infanta acendeu o mais belo candelabro dos seus salões e foi ouvi-lo. O feiticeiro disse então: — «Já sei a causa de tão extraordinário caso. As rosas que bordaste, infanta, estão todas num jardim que fica muito longe, em volta da casa duma bruxa que as rega todas noites com luar, luar que conduz num balde de fina prata. Vive essa bruxa num país muito afastado daqui, onde há apenas uma fonte: — a lua, fonte à qual vai encher todas as noites o famoso balde. O que eu não consegui saber foi o motivo porque se ouve o som dessa viola de que me falou. Nem o soube, nem se pode saber sem que se desencantem as rosas que vós, infanta, bordastes e para isso necessitais ir, numa noite, buscar, antes da velha bruxa, o balde que ela costuma encher na fonte da lua, enchendo-o e levando-o, depois, bem cheio de luar para regar as rosas que ela vos roubou. Vesti-vos de mendiga e ide pedindo por todas as portas, preguntando

em todas elas se por ali é o caminho que vos há-de conduzir ao país onde as rosas são de sêda e a água é toda luar. Chegando a uma porta onde, ao fazer a mesma pregunta, vos respondam que precisais de companhia, esperai que alguêm vos acompanhe e segui-o com toda a atenção. Quando êsse alguêm se quizer acercar de vós, infanta, levantai esta varinha que vos entrego e caminhai sempre». E, dito isto, o feiticeiro saíu. Passaram-se alguns dias. A infanta pediu licença para ir visitar uma sua prima que vivia muito distante e partíu.

Vestiu, num pinhal, o fato esfarrapado que conseguira levar escondido e deixou dentro do buraco dum castanheiro o que trazia vestido. Fez o que o feiticeiro lhe recomendara. Foi pedindo esmola, preguntando, em todas as portas, se era por ali o caminho que a havia de conduzir ao país onde as rosas eram de seda e a água toda luar. Em todas as portas ouvia sempre dizer que não sabiam. Passados muitos dias, já estava fatigadíssima, o fato cada vez mais esfarrapado e os pés doridos da distância caminhada, quási não acreditando já nas palavras do velho bruxo que àqueles trabalhos a levara, encontrou uma verdadeira choupana, muito pòbrezinha. Esteve para passar à frente, mas como lhe tinham dito que em todas as portas deveria bater, assim o fez. Apareceu-lhe uma mulher ainda nova, andrajosa como ela, muito suja, a quem pedindo a costumada esmola fez, como sempre, a mesma pregunta que o mago lhe ensinara:

— «Vais bem, respondeu a desconhecida, sobe aquela serra mais alta que além se vê, dorme debaixo daquela arvore de nodosos braços que daqui se avista, porque precisas de companhia e não ta posso dar agora».

Agradeceu a infanta o conselho da desconhecida e, apesar de não ser tal qual o que o feiticeiro dissera que havia de acontecer, tomou o caminho indicado e adormeceu debaixo da árvore apontada. Quando acordou, amanhecia. Não viu ninguêm junto de si. Esperou. Já estava para se afastar, quando à distância viu que para ali se dirigia a mesma mulher que no dia anterior lhe tinha indicado aquele caminho: — «Vem comigo», lhe disse, «o guia que tencionava dar-lhe não veio e eu vou substituí-lo».

Agradeceu a infanta o favor e seguiu a desconhecida, que sempre silenciosa caminhava constantemente na sua frente, sem nunca olhar para trás. Depois de muitas léguas percorridas a enigmática mulher parou, voltou-se para a infanta e quís acercar-se dela, mas, nêste momento, lembrando-se do que o feiticeiro lhe recomendara, levantou a varinha que lhe dera e imediatamente a desconhecida se transformou num branco galgo que começou a caminhar a seu lado.

A infanta acompanhou-o. Ora subiam serras, altas serras, ora desciam a vales enormes, ora atravessavam ribeiras profundas, ora se afoitavam em pinhais imensos, até que o galgo começou numa corrida vertiginosa, desaparecendo, para aparecer, momentos depois, com uma lebre na bôca.

A lebre forcejava por se libertar. O galgo conduziu-a até junto da infanta e entregou-lha. Ao agarrá-la, notou ela que ao pescoço trazia a referida lebre uma medalhinha. Tirou-a e largou a lebre que desapareceu imediatamente.

Abriu a medalha. Dentro estava um papel que desdobrou e leu. Dizia: — «Para conseguir alcançar o bálde de prata da bruxa das rosas de sêda, precisa de matar o gigante cego que o guarda e que o tem sempre debaixo dum dos braços. Para o matar basta atirar-lhe com a pedra mais pequena que fôr encontrada no caminho». A infanta guardou

**(Continua na página 8)**

# FIM DE REZA DE UM MENINO

POR GRACIETTE BRANCO

DESENHO DE EDUARDO MALTA

Meu anjinho da Guarda!
guarda
o menino, sim?
Põe teus olhos em mim,
e mata, no saguão,
o Papão
que faz assim:
—Á-ã-ã-o-o... Á-ã-ã-o-o-o...

—Faze que eu durma bem,
e não sonhe também
com o homem da faca,
que na saca,
leva os meninos
finos
que êle almoça...

Faze com que a Nini
não saiba que parti
a boneca de louça,
—a mais pequena.—
mas se ela o suspeitar,
(atende-me, Senhor!)
faze que ela não chore...
porque, se ela chorar,
eu tenho pena...

Que o Menino Jesus venha ensinar
ao menino,
as contas de somar
do livro pequenino,
e a lição de ámanhã
que o menino soletra...

...«Que o Menino Jesus, por muitos anos,
dê saúde à mamã,
ao papá e aos manos...»
..... etc....

# ADIVINHAS

MENINOS: Vejam se descobrem o piloto dêste barco.

Este gatinho tem por dono um sujeito narigudo. Vejam se o descobrem.

# COLABORAÇÃO INFANTIL

## ANEDOTA ILUSTRADA

por

FERNANDO DIAS PIRES

— Em que pensas, compadre?!

— Ora, em que penso!... Pensava nas trovoadas. Como dizem que há, para aí, muita trovoada, lembrei-me de pôr um para-raios na cabeça.

## DESENHO

POR

JOSÉ AUGUSTO ALVES DE MOURA CARDOSO

11 anos de idade

(Continuação da página 5)

o papel e seguiu o galgo. Por todos os caminhos encontrava pedras bem pequenas, mas quanto mais andava, mais pequenas as encontrava. Lançava fóra as primeiras e guardava as últimas e assim sucessivamente, até que chegou a uma encruzilhada onde o galgo parou, farejou largo tempo e trouxe na bôca uma pedra muito pequena. Guardou-a com todo o cuidado e continuou a caminhar atrás do misterioso galgo.

Chegaram, finalmente, ao país onde havia rosas de sêda e água de luar e viram, debaixo duma parreira com uvas de veludo, um grande gigante que parecia dormir e que tinha um balde de prata escondido debaixo dum braço. Nesse momento, o galgo desapareceu para nunca mais ser visto.

A infanta atirou ao gigante a pedra que trazia no bolso e acertando-lhe na testa, estrebuchou, abriu os braços grossos e compridos como ramos de árvores e morreu. Acercou-se a infanta do balde abandonado e levou-o.

Anoitecia. Súbito, a um canto, viu uma fonte que corria, sem ruído e que era branca como o linho. Acercou-se dela, encheu o balde, dirigiu-se ao jardim e logo que viu as rosas brancas que ela tinha bordado, regou-as. De repente as sete rosas brancas que ela tinha bordado, transformaram-se em outras tantas lindas raparigas que abraçaram a infanta e lhe disseram:

— «Somos tuas irmãs. Fomos, quando pequenas e adormecidas no berço, enfeitiçadas pela bruxa que nos guarda nêste jardim e só poderiamos ser desencantadas por uma nossa irmã que conseguisse crescer naquele palácio e aprender a bordar. Cada rosa que bordavas, cada alma que em nós voltava de novo a nascer. Era preciso que alguém aqui viesse. O feiticeiro que te ensinou é a quem nós devemos e a quem tu deves o estarmos salvos, dando-te essa varinha que trazes e que, graças a ela, conseguiste transformar, num galgo inofensivo, a velha que nos enfeitiçara e que outra não era a mulher que te serviu de guia e que fingiu ser mais nova do que na realidade era.»

— «E a viola que oiço tantas vezes desde a janela do meu quarto e que parece estar tão longe?»

Riu-se a desencantada. Acercou-se do gigante morto. Tirou-lhe do dedo, da mão direita, um anel de oiro e atirou-o ao ar. Quando caiu, transformou-se num elegante mancebo.

— «E' nosso irmão, cujo corpo fôra como o nosso, roubado em menino e cuja alma andava em redor do palácio em que nascera, tangendo uma entristecida viola».

E a infanta beijou o mancebo.

— Como conseguiria escapar eu, em pequena, de seguir o mesmo destino que foi seguido por vós, meus irmãos?»

— «Porque el-rei nosso pai escolheu, receando que contigo sucedesse o que sucedeu conosco, para tua madrinha, uma fada que te protegeu e te ensinou a bordar as rosas que, sôbre o veludo, desenhaste um dia».

Partiram para o palácio e quando lá chegaram, o pai ia morrendo de alegria por poder voltar a ver e abraçar os filhos que julgava para sempre perdidos.

■ FIM ■